



DOSSIÊ: TEXTO COMO TECIDO DA CULTURA

## A enunciação do discurso antirracista na literatura infantil

*The enunciation of the anti-racist discourse on children's literature*

*La enunciación del discurso antirracista en la literatura infantil*

**Andresa Maria Bezerra da Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0004-9041-4326](https://orcid.org/0009-0004-9041-4326)  
[andresademaria@gmail.com](mailto:andresademaria@gmail.com)

**Fátima Cristina da**

**Costa Pessoa<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9967-9708](https://orcid.org/0000-0002-9967-9708)  
[fpessoa@ufpa.br](mailto:fpessoa@ufpa.br)

**Recebido em:** 30 maio. 2024.

**Aprovado em:** 30 jul. 2024.

**Publicado em:** 03 dez. 2024.

**Resumo:** O discurso antirracista enunciado nas práticas literárias destinadas ao público infantil é parte das lutas dos movimentos negros por liberdade, igualdade e direitos. É objetivo deste artigo compreender a constituição de regularidades nas cenografias que configuram tais práticas, fundantes das condições de enunciabilidade de combate ao racismo. Perseguindo esse propósito, abordamos o texto literário pela perspectiva da discursividade, entendendo que o texto é resultante das dinâmicas da vida em sociedade, bem como interfere nos processos de consolidação e transformação dessas mesmas dinâmicas. Faremos isso mobilizando os conceitos de "prática discursiva" e "cena de enunciação", postulados por Maingueneau (2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2015). Também mobilizamos os conceitos de "colonialidade" e "decolonialidade", postulados por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), Maldonado-Torres (2007), Torquato e Kondo (2020), Walsh (2009). *Gosto de África: histórias de lá e daqui* (Santos, 2005) e *Amoras* (Emicida, 2018) são as obras literárias selecionadas para indicar traços de um discurso antirracista em constituição nas práticas literárias destinadas ao público infantil: (i) a articulação entre o espaço-tempo ficcional e o espaço-tempo histórico; (ii) o enfrentamento do espaço-tempo das relações patriarcais, rompendo com o apagamento e o silenciamento de mulheres negras na história da sociedade brasileira; (iii) o investimento na constituição de um enunciador e de um enunciatário em cuja elaboração da literalidade da obra literária poetizam as referências à negritude. Esses traços nos levam a concluir que a produção de uma literatura infantil alinhada a um posicionamento antirracista é uma ação artística e política que não só representa a luta por liberdade e igualdade: é a própria luta por liberdade e igualdade.

**Palavras-chave:** discurso antirracista; literatura infantil; cena de enunciação.

**Abstract:** The anti-racist discourse enunciated in literary practices aimed at children is part of the struggles of black movements for freedom, equality and rights. The aim of this article is to understand the constitution of regularities in the scenographies that shape these practices, which are the foundations of the conditions of enunciation for combating racism. In order to achieve this goal, we approach the literary text from the perspective of discursivity, understanding that the text is the result of the dynamics of life in society, as well as interfering in the processes of consolidation and transformation of these same dynamics. We will do this by mobilizing the concepts of discursive practice and scene of enunciation, as postulated by Maingueneau (2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2015). We also mobilize the concepts of coloniality and decoloniality, as postulated by Bernardino-Costa and Grosfoguel (2016), Maldonado-Torres (2007), Torquato and Kondo (2020), and Walsh (2009). *Gosto de África: histórias de lá e daqui* (2005) and *Amoras* (2018), are the literary works selected to indicate features of an anti-racist discourse in the making in literary practices aimed at children: (i) the articulation between fictional space-time and historical space-time; (ii) the confrontation of the space-time of patriarchal relations, breaking with the erasure and silencing of black women in the history of Brazilian society; (iii) the investment in the constitution of an enunciator and an enunciatee in whose elaboration of the literalness of the literary work poetizes references to blackness. These traits



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil.

lead us to conclude that the production of children's literature aligned with an anti-racist stance is an artistic and political action that not only represents the fight for freedom and equality. It is the struggle for freedom and equality itself.

**Keywords:** Anti-Racist Discourse; Children's Literature; Scene of Enunciation.

**Resumen:** El discurso antirracista enunciado en las prácticas literarias destinadas al público infantil es parte de las luchas de los movimientos negros por libertad, igualdad y derechos. Es el objetivo de este artículo comprender la constitución de ciertas regularidades en las escenografías que configuran tales prácticas, fundantes de las condiciones de la enunciabilidad del combate al racismo. Persiguiendo ese propósito, abordamos el texto literario por la perspectiva de la discursividad, entendiendo que el texto resulta de las dinámicas de la vida en sociedad, así como interfiere en los procesos de consolidación y transformación de esas mismas dinámicas. Lo haremos movilizándolo los conceptos de la práctica discursiva y escena de enunciación, postulados por Maingueneau (2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2015). A la vez, movilizamos los conceptos de colonialidad y decolonialidad, postulados por Bernardino-Costa y Grosfoguel (2016), Maldonado-Torres (2007), Torquato y Kondo (2020), Walsh (2009). *Gusto de África: historias de allá y de acá* (2005 – original en portugués) y *Moras* (2018 – original en portugués), son las obras literarias seleccionadas para apuntar trazos de un discurso antirracista en la constitución en las prácticas literarias destinadas al público infantil: (i) la articulación entre el espacio-tiempo ficcional y el espacio-tiempo histórico; (ii) el enfrentamiento del espacio-tiempo de las relaciones patriarcales, rompiendo con el hecho de borrar y silenciar las mujeres negras en la historia de la sociedad brasileña; (iii) la inversión en la constitución de un enunciador y de un enunciatario en cuya elaboración de la literalidad de la obra literaria se poetiza las referencias a la negritud. Esos trazos nos llevan a concluir que la producción de una literatura infantil alineada a un posicionamiento antirracista es una acción artística y política que no sólo representa la lucha por libertad e igualdad. Es la lucha misma por libertad e igualdad.

**Palabras clave:** discurso antirracista; literatura infantil; escena de enunciación.

## Introdução

Utilizamos aqui as palavras de Mello (2005, p. 3) sobre a relação entre análise do discurso (AD) e literatura, quando afirma que, "hoje, uma interface não só possível, mas real", para discorrer sobre as intrincadas relações entre as práticas discursivas e as não discursivas nas dinâmicas sociais contemporâneas. Quando trabalhamos com o texto literário pela perspectiva da discursividade,

compreendemos que esse texto reflete e refrata rastros da realidade sociocultural por meio das características próprias de sua literariedade<sup>2</sup>.

Especificamente, abordamos, em relação às práticas discursivas literárias, a constituição de regularidades nas cenografias das obras destinadas ao público infantil, sustentadas por um discurso antirracista. Buscamos compreender como as determinações históricas no tempo e espaço enunciativos das narrativas literárias constituem uma cenografia que, por sua vez, legitima os enunciados nela organizados. Desse modo, abordamos o texto literário pela perspectiva da discursividade, como já anunciado, entendendo que o texto é resultante das dinâmicas da vida em sociedade, bem como interfere nos processos de consolidação e transformação dessas mesmas dinâmicas. Entre a palavra e a vida não há causalidade. Entre a palavra e a vida há choque, há tensão. Faremos isso mobilizando os conceitos de "prática discursiva" e "cena de enuncição", postulados por Maingueneau (2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2015). Também mobilizamos os conceitos de "colonialidade" e "decolonialidade", postulados por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), Maldonado-Torres (2007), Torquato e Kondo (2020), Walsh (2009). Estabelecemos as relações entre esses postulados teóricos como tessituras relevantes para alcançar o encadeamento entre língua, sujeito e história do qual emergem as condições de enunciabilidade de discursos sobre o mundo, sobre os sujeitos, sobre a vida, que, por sua vez, circulando em enunciados concretos, geram novos mundos, novos sujeitos, nova vida.

O artigo estrutura-se em três seções, em que discorreremos sobre os postulados teóricos que nos orientam a pensar os processos da discursividade em sua relação com a literatura infantil e com os estudos decoloniais. Em uma quarta seção, apoiadas na reunião desses postulados teóricos, investimos em um percurso analítico por meio do qual pretendemos apontar as regularidades na constituição de uma cena de enuncição, cujas

<sup>2</sup> "Sumariamente, entende-se por literariedade um ou mais procedimentos linguísticos que conferem traços distintivos ao objeto literário. Não se trata, pois, de um conteúdo qualquer, uma ideia, uma imagem, uma emoção; não há, portanto, temas literários [...]. Os temas serão literários uma vez que sejam processados literariamente" (Gagliardi, 2010, p. 285).

coordenadas dêiticas indiciam uma cenografia sustentada por um discurso antirracista. Esse movimento analítico é um investimento para a compreensão das relações históricas, políticas, ideológicas, éticas que sustentam nossos vínculos sociais, consolidando-os e transformando-os.

É um percurso analítico que recorta dois textos literários – *Gosto de África: histórias de lá e daqui* e *Amoras* – que indiciam traços de um discurso antirracista em constituição nas práticas literárias destinadas ao público infantil: (i) a articulação entre o espaço-tempo ficcional e o espaço-tempo histórico; (ii) o enfrentamento do espaço-tempo das relações patriarcais, rompendo com o apagamento e o silenciamento de mulheres negras na história da sociedade brasileira; (iii) o investimento na constituição de um enunciador e de um enunciatário em cuja elaboração da literalidade da obra literária poetizam as referências à negritude. Esses traços nos levam a concluir que a produção de uma literatura infantil alinhada a um posicionamento antirracista é uma ação artística e política que não só representa a luta por liberdade e igualdade: é a própria luta por liberdade e igualdade.

### O texto literário pela perspectiva discursiva

Para Maingueneau (2004), o discurso se define por meio de algumas ideias-força. Entre elas, ele é considerado uma forma de ação sobre o outro, regida por normas, indexada a coordenadas enunciativas, assumida por um sujeito no bojo de um interdiscurso. O discurso constitui-se, portanto, pelo encadeamento entre língua, sujeito e história. Quando abordamos a obra literária pela perspectiva da discursividade, pretendemos considerar as condições de sua enunciability, as regularidades de sentido que permitem identificar os discursos aos quais a enunciação literária se filia.

De acordo com o quadro teórico proposto por Maingueneau (2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2015), o percurso analítico que garante o alcance dessa relação entre língua, sujeito e história se define pela análise da constituição da cena enunciativa

resultante da tomada da palavra pelo interlocutor. Desse modo, a forma de abordar os textos literários é singular, pois, à luz da análise do discurso, a obra é considerada como ato enunciativo. Sobre isso, Maingueneau (2012, p. 50) assevera:

Como todo enunciado, a obra literária implica uma situação de enunciação. Mas qual é a situação de enunciação de uma obra? Seria possível responder que são as circunstâncias de sua produção, sua situação de comunicação: ela foi escrita durante certo (s) período (s), em certo (s) lugar (es), por certo (s) indivíduo (s). Essa é uma resposta insuficiente, pois convém aprender as obras não em sua gênese, mas como dispositivos de enunciação. Pode-se ser tentado a reduzir a situação de enunciação à data e ao lugar de publicação. Isso, no entanto, não nos faz avançar nem um pouco, pois continuamos ao exterior do ato de comunicação literário.

Para Maingueneau (2012, p. 65), a "narrativa é igualmente um trabalho de legitimação de sua própria enunciação". Então, uma vez que estamos investigando as condições de enunciabilidade por meio das quais se passa a constituir o discurso antirracista nas obras literárias dedicadas ao público infantil, as cenas enunciativas do discurso literário autorizam o seu próprio dizer, embora também se relacionem com as condições sócio-históricas. Assim,

[...] não se pode conceber a obra como com uma organização de "conteúdos" que permitam "exprimir" de maneira mais ou menos enviesada ideologias ou mentalidades. O "conteúdo" da obra é na verdade atravessado pela remissão a suas condições de enunciação. O contexto não é colocado no exterior da obra, numa série de camadas sucessivas; o texto é na verdade a própria gestão de seu contexto. As obras falam de fato do mundo, mas sua enunciação é parte integrante do mundo que se julga que elas representem (Maingueneau, 2012, p. 44).

Portanto, o discurso literário, na perspectiva de Maingueneau (2012, p. 44), não se resume à representação de contextos sociais, mas "produz sua própria presença nesse mundo":

A obra se enuncia através de uma situação que não é um quadro preestabelecido e fixo: ela pressupõe uma cena de fala determinada que precisa validar por meio de seu próprio enunciado. Ela se legitima através de um circuito: mediante o mundo que instaura, ela precisa justificar tacitamente a cena de enunciação

que impõe desde o começo (Maingueneau, 2012, p. 55).

Para o autor, a obra literária como ato enunciativo deve ser observada pelo seu interior, já que é a partir da cena de enunciação que os discursos se constituem, se reiteram, se transformam. Dessa forma, "um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é encenada" (Maingueneau, 2012, p. 250), ou seja, a cena estabelecida justifica o seu próprio dizer pela forma que o institui. Se o texto é o rastro do discurso, a discursividade da obra literária situa-se nas condições de enunciabilidade que a tornam possíveis. Para Maingueneau (2012, p. 43), as "condições do *dizer* permeiam aí o *dito*, e o *dito* remete a suas próprias condições de enunciação". Para as especificidades desta pesquisa, as condições do dizer e o dito que essas condições materializam estão relacionadas à emergência de um discurso antirracista na prática literária destinada ao público infantil, considerando-se as regularidades cenográficas na configuração de cenas de enunciação.

Nos textos, são gestados os processos de produção de sentidos por meio da tríade cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante "resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso" (Maingueneau, 2015, p. 118). Trata-se de um conceito intimamente relacionado ao conceito de "campo discursivo"<sup>3</sup>, postulado pelo autor, para dar conta das relações interdiscursivas constituintes de um dado funcionamento discursivo. A cena genérica, por sua vez, estabelece parâmetros sobre o funcionamento e a configuração dos textos por meio dos quais os sujeitos interagem, que geram expectativas sobre as possibilidades de produção de efeitos de sentido. A cenografia, por sua vez, é a encenação

de uma enunciação, pois é com a configuração de uma cenografia que o leitor se depara ao ler uma obra literária, e não apenas com os parâmetros estabelecidos pelo quadro cênico – a cena englobante e a cena genérica – da enunciação.

Maingueneau (2015) considera que a cenografia materializada em um texto diz respeito à organização das coordenadas dêiticas<sup>4</sup> que configuram a situação a partir da qual se pretende enunciar. Ao mesmo tempo que a cenografia apresenta-se como produto de uma ordem discursiva estabelecida, é também responsável pela legitimação dessa ordem na singularidade da situação de enunciação ou pela subversão dessa ordem, quando de novas possibilidades de relações interdiscursivas que sustentam as condições de enunciabilidade.

É com base nesse quadro teórico que discutimos as coordenadas dêiticas que caracterizam a configuração de uma cenografia antirracista na prática discursiva literária<sup>5</sup> destinada ao público infantil, considerando, conforme Maingueneau (2005, p. 77), que a cena de enunciação não pode ser definida

[...] em termos de "quadro", de decoração, como se o discurso se manifestasse no interior de um espaço já construído e independente desse discurso, mas consideramos o desenvolvimento da enunciação como a instauração progressiva de seu próprio dispositivo de fala.

Para reforçar, destacamos Lopes e Pessoa (2020, p. 204) quando afirmam que os postulados de Maingueneau

[...] demonstram que as instâncias de enunciação não são uma dimensão estável do discurso, mas devem ser consideradas na dinamicidade, plasticidade e complexidade de todo o processo enunciativo. Justamente porque os enunciados são o produto do processo dinâmico, plástico e complexo que é a enunciação é que geram efeitos de sentido e são ponto de

<sup>3</sup> Por "campo discursivo", Maingueneau (2008) concebe um conjunto de formações discursivas delimitadas reciprocamente em uma conjuntura determinada, possibilitando múltiplas redes de trocas, como a aliança, a neutralidade aparente, a polêmica etc.

<sup>4</sup> Por "coordenadas dêiticas", Maingueneau (1997) concebe as coordenadas das instâncias enunciativas e as coordenadas espaço-temporais (cronografia e topografia) constituídas em relação às formações discursivas que sustentam os efeitos de sentido evocados pelos textos.

<sup>5</sup> O conceito de "prática discursiva" também orienta o percurso teórico, metodológico e analítico desta pesquisa. Por "prática discursiva", Maingueneau (2008) refere-se à imbricação radical entre um dito, um dizer e uma instituição. Desse modo, a análise da cena de enunciação nas obras literárias selecionadas para esta pesquisa não deixará de considerar a instituição literária que a torna possível, ao estabelecer e legitimar a organização de práticas que produzem obras e escritores, isto é, "a atividade enunciativa e as estruturas que são sua condição e seu produto" (Maingueneau, 2012, p. 53).

partida e de chegada para os processos de constituição, consolidação e transformação de discursos.

Portanto, consideramos aqui que as obras literárias destinadas ao público infantil fazem parte de práticas discursivas e não discursivas que fundam as condições de enunciabilidade de combate ao racismo, contrapondo-se às coordenadas dêiticas que reforçaram/reforçam as condições de enunciabilidade do discurso racista nas relações histórico-sociais contemporâneas.

### Apontamentos acerca da literatura infantil

A autora bell hooks (2020, p. 89) afirma que “[c]ontar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade”; e, quando as histórias que precisam ser contadas se perfazem nas obras literárias, a literatura torna-se resistência e assume-se como prática de lutas, atitudes e discursos antirracistas. É nessa perspectiva que investigamos como as obras literárias destinadas ao público infantil constituem cenografias que determinam as condições de enunciabilidade das relações étnico-raciais no imaginário social brasileiro, ao mesmo tempo que por elas são também determinadas. Para tanto, é importante tratarmos, nessas relações, mesmo que brevemente, sobre a importância do processo de formação de leitores na infância.

A aprendizagem da leitura é crucial para a formação do cidadão, de modo a garantir a compreensão da realidade que o cerca. Segundo Rajagopalan (2003, p. 23), a “[...] língua é muito mais que um código ou um instrumento de comunicação. Ela é, antes de qualquer outra coisa, uma das principais marcas da identidade de uma nação, de um povo. Ela é uma bandeira política”.

Estimular a leitura não é somente desenvolver na criança sua habilidade linguística e competência comunicativa, mas também a sensibilidade em relação à forma como compreende o mundo, constituindo uma postura ética e política como

expressão da sua cidadania. A formação para o enfrentamento ao racismo é um exemplo, pois, como Frantz (2001, p. 16) assevera, “a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”. A prática discursiva literária destinada ao público infantil atua para o desenvolvimento da habilidade leitora de textos e do mundo, pois, por ser arte da palavra, torna a leitura mais aprazível e atrativa às crianças, favorecendo, por meio do entretenimento, a reflexão sobre as culturas, as ideologias e as formas de exercer a cidadania. Sobre isso, Lajolo (2008, p. 106) assevera:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.

Embora seja bastante complexa, intensa e extensa a discussão acadêmica em torno da literatura infantil e sua relevância para a formação de leitores na infância, expressa em uma produção científica nacional muito profícua, limitamo-nos a apontar, nos limites deste artigo, a defesa da inserção de obras literárias para a formação do homem, assumindo, conforme Candido (2012)<sup>6</sup>, a literatura como fator indispensável de humanização. Portanto, quando uma obra literária constitui sua cena de enunciação em torno do protagonismo negro, por exemplo, contribui para a quebra de estereótipos a partir da configuração que a cenografia assume na constituição da obra, já que relações sociais opressoras são denunciadas, novas interpretações da história circulam, direitos humanos são defendidos. Feres (2023, p. 179) afirma:

<sup>6</sup> Referimo-nos ao texto “O direito à literatura”, originalmente apresentado em 1988.

E, se é uma criança quem lê, que ela já aprenda, durante sua socialização inicial, além das constantes interpretativas e das estruturas narrativas, a contemplar as palavras, as imagens, e a perguntar: por que o mundo é assim? Não daria para ser diferente? Em tempos estranhos como estes, repletos de fake News e de ódios, reformar o pensamento é uma questão de sobrevivência da nossa espécie, que sucumbe por causa de desrespeitos, de falta de amor – ao planeta, aos miseráveis, às mulheres, aos negros, aos diversos sexualmente, entre outros desamores.

Quando as cenografias se movimentam para a valorização da negritude, a arte literária anda de mãos dadas com os movimentos antirracista e a decolonialidade, que emanam na poeticidade.

### Enfrentamento dos efeitos do sistema colonial: a decolonialidade e o discurso antirracista

“Colonialidade” e “decolonialidade” são dois termos fundamentais para a discussão sobre o discurso antirracista que fundamenta cenografias de obras literárias infantis. Conforme Maldonado-Torres (2007, p. 131), a colonialidade

[...] se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, mais bem se refere a forma como o trabalho, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado mundial e da ideia de raça<sup>7</sup>.

Essa estratégia de dominação se faz presente cotidianamente, cristalizada nos comportamentos, nas atitudes e nos discursos, fortalecendo o que é denominado de “mito da democracia racial” na sociedade brasileira, por intermédio de dispositivos (Foucault, 1979), como as mídias, a literatura, os livros didáticos, os jornais etc.

Assim, de acordo com Maldonado-Torres (2007, p. 131), “respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente”<sup>8</sup>.

Desse modo, se na atualidade ainda são lutas o reconhecimento da cultura negra e o enfren-

tamento da violência contra os corpos negros, é porque reitera-se um apagamento desses sujeitos resultante das relações colonialistas no território brasileiro e de suas consequências históricas. Nesse contexto, as práticas literárias foram/são, portanto, importantes dispositivos para evidenciar e justificar essa sustentação colonial, visto que contribuíram/contribuem para a manutenção da colonialidade persistente, ao mesmo tempo que também favorecem a constituição e a circulação de discursos antirracistas como enfrentamento à ordem social estabelecida e às consequências do período colonial. Se reproduzem a ordem social, para a qual a cultura dominante exerce grande influência, as práticas literárias influenciam na manutenção da colonialidade. No entanto, as práticas literárias são também dispositivos por meio dos quais se constituem e circulam práticas decoloniais.

A decolonialidade é um movimento que surge com o objetivo de enfrentamento à colonialidade, rumo a um caminho de desconstrução, crítica e luta para ouvir os povos subalternizados. Sobre decolonialidade, Walsh (2009, p. 24) afirma ser

[...] um trabalho que procura desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade- estruturas até agora permanentes – que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos.

Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016, p. 17) afirmam que a decolonialidade passou a existir desde o momento em que houve resistência e luta, desenvolvendo-se concomitantemente ao sistema-mundo moderno colonial: “[...] a decolonialidade consiste também numa prática de oposição e intervenção, que surgiu no momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais que se iniciou em 1492”.

Torquato e Kondo (2020, p. 66) afirmam que a decolonialidade busca “se opor e resistir a toda

<sup>7</sup> No original: “[...] la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza”.

<sup>8</sup> No original: “En un sentido, respiramos la colonialidad en la modernidad cotidianamente”.

e qualquer forma de opressão, seja ela política, racial, étnica, linguística, cultural, social, religiosa, epistêmica, sexual, de gênero, dentro outras". O pensamento decolonial sustenta a constituição do discurso antirracista que se perfaz nas diferentes formas de resistência. Então, se a ideologia, a história e a política estão implicadas na constituição e no funcionamento do discurso racista, elas estão também relacionadas com a formação do discurso antirracista, conforme Fiorin (1998, p. 74) afirma:

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador produz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais... Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

Cavalleiro (2001, p. 159) discorre que o encargo de ser antirracista demanda "[...] lutar contra a história oficial, os meios de comunicação, a educação familiar e religiosa", pois as consequências do colonialismo estruturam ainda o discurso racista. Dessa mesma maneira, a história de luta do movimento do negro, das pessoas que defendem o direito à igualdade, baseada no pensamento decolonial, corrobora a formação do discurso antirracista.

Assim, com o objetivo de investigar as condições de enunciabilidade por meio das quais se passa a constituir o discurso antirracista nas obras literárias dedicadas ao público infantil, a análise dos dados recortados para a elaboração deste artigo divide-se em três coordenadas dêiticas: a articulação entre o espaço-tempo ficcional e o espaço-tempo histórico; o enfrentamento do espaço-tempo das relações patriarcais, rompendo com o apagamento e o silenciamento de mulheres negras na história da sociedade brasileira; e o investimento na constituição de um enunciador e de um enunciatário em cuja elaboração da literalidade poetizam as referências à negritude. As obras selecionadas reforçam as condições de enunciabilidade históricas de reivindicação por

respeito e igualdade social.

### A cenografia em práticas literárias destinadas ao público infantil: regularidades de um discurso antirracista

As obras selecionadas para a pesquisa à qual este artigo está vinculado mobilizam uma cenografia relacionada às características constitutivas da literariedade e às condições de enunciabilidade históricas, políticas e ideológicas. Trataremos das condições de enunciabilidade para a constituição do discurso antirracista, portanto a produção dessas obras vem emergir como uma atitude política (Kilomba, 2019). Foram selecionadas dez obras reeditadas ou publicadas no interstício temporal de 2000 a 2020. Para a composição deste artigo, nossas considerações estão relacionadas a duas dessas obras: uma reedição do século XX e uma publicação original do século XXI.

A primeira delas é a coletânea intitulada *Gosto de África: histórias de lá e daqui*, de Joel Rufino dos Santos, publicada pela primeira vez em 1999 e reeditada em 2005 pela Global Editora. As ilustrações são assinadas por Cláudia Scatamacchia. Na obra, são apresentadas histórias de mitos, tradições e narrativas de personagens negros da história do Brasil e de um tempo de escravidão, luta pela liberdade, o que ajuda a compreender melhor a relevância da cultura e da história africanas para a cultura e a história brasileiras. A obra é constituída por sete contos, três deles ambientados na África e quatro tendo como cenário o Brasil: referem-se à atuação do povo negro para o processo brasileiro de constituição histórica e identitária. Dessa obra, nossas considerações serão relativas ao conto intitulado "O filho de Luísa".

A segunda obra é intitulada *Amoras*, de autoria de Emicida, publicada originalmente em 2018 pelo Grupo Companhia das Letras. As ilustrações são assinadas por Aldo Fabrini. A obra apresenta um diálogo entre uma menina e seu pai, de baixo de uma amoreira, pelo qual se constitui o processo de reconhecimento da identidade

como pessoa negra. É uma obra que versa sobre negritude, representatividade e autoconfiança.

Com base em Maingueneau (2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2015), pela análise das cenografias das obras selecionadas, buscaremos estabelecer o cruzamento entre a prática literária e o movimento negro, reconhecendo um espaço de discursividade antirracista, que marca o desenvolvimento de promoção da restauração da sociedade na busca de igualdade e respeito entre todas as pessoas, ao tentar romper com os efeitos do colonialismo<sup>9</sup>. As evidências dessa discursividade assinalam a constituição de uma prática literária destinada ao público infantil que apresenta regularidades nas cenografias sobre as quais constitui seu acervo. Embora sejam constituídas por cenografias distintas, as obras selecionadas para esta análise apresentam regularidades dêiticas que convergem para um posicionamento discursivo que configuramos aqui como antirracista. Feres (2023, p. 130) explica que "deixar implícito um posicionamento é, portanto, uma prerrogativa de quem conta um conto... e acrescenta um ponto de vista". O caráter decolonial na constituição das cenografias que caracterizam as obras literárias destinadas ao público infantil se imprime em efeitos de sentido que orientam para a reflexão sobre os efeitos coloniais que excluem e subalternizam povos, para a criação de estratégias que visam à desconstrução de estigmas estruturais e para o enfrentamento da discriminação e da exclusão.

Costa *et al.* (2020, p. 167) afirmam que "desde a infância, especialmente no espaço escolar, diversas figuras humanas são apresentadas aos alunos como heróis nacionais, pelos livros didáticos ou pelas datas cívicas, muitas vezes sem explicar as opções". São perspectivas pelas quais se apresentam os fatos históricos marcados profundamente pelas relações de poder que estruturam as sociedades. A percepção dessas relações de poder na perspectiva que assumimos

nesta pesquisa corresponde ao que Foucault (1979, p. 183) discute:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos.

Nesse tipo de funcionamento, os efeitos do colonialismo reverberaram em cadeia na sociedade, nas práticas literárias pelas ausências de personagens negras e/ou pelos estereótipos que circulam em obras que se inscrevem em um posicionamento racista.

Ao apresentarem os fatos históricos pela perspectiva de protagonistas que, participando da história, foram reiteradamente silenciados, as práticas literárias destinadas ao público infantil resistem ao poder instituído e criam espaço para o conhecimento da nossa formação político-social, integrando negras e negros que lutaram por um país mais justo, pelo fim da violência do sistema escravocrata. É justamente essa cenografia constituída no conto "O filho de Luísa" que compõe a coletânea *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. Nesse texto, temos por personagens Luísa Mahin e Luís Gama, duas personalidades negras importantes na história do Brasil. O excerto a seguir inicia o texto:

<sup>9</sup> É importante esclarecer que a análise das cenografias fundantes das condições de enunciabilidade do discurso antirracista privilegiará exclusivamente o texto verbal que compõe as obras selecionadas. As obras literárias destinadas ao público infantil são compostas pela articulação de materialidades semióticas diversas, predominantemente a palavra e a imagem. As ilustrações são componentes fundamentais das obras literárias destinadas ao público infantil, mas, apesar de o quadro teórico proposto por Maingueneau (2008) orientar para a possibilidade de análise de uma prática intersemiótica, no momento não foi possível desenvolver uma análise da cena de enunciação que privilegiasse a articulação entre essas semioteses. Essa é uma dimensão da análise que merecerá atenção na continuidade das pesquisas em torno da temática.

- (1) Uma boa história pode começar de qualquer maneira. Esta começa com uma quitandeira da Bahia.

Chamava-se Luísa. O sobrenome deixo para dizer depois (Santos, 2005, p. 9).

A narrativa inicia com a apresentação de Luísa Mahin. O enunciador, situando-se no funcionamento das práticas literárias, cria alguma expectativa em torno do sobrenome da personagem, já fornecendo ao enunciatário pistas da sua importância para a história. Ferreira (2001) afirma que o sobrenome de Luísa refere-se a sua origem étnica ou geográfica, um sobrenome que remete ao país Mahi. Luísa é apresentada por seus traços físicos, por sua inserção social e por sua filiação religiosa:

- (2) Luísa era pequena, bem negra e tinha lábios roxos – diferente de quase todo mundo, que tem lábios cor-de-rosa. Outra coisa: a maior parte dos negros da Bahia, naquele tempo, era escrava. Luísa não. Por quê?

Não sei. Quando começou esta história, ela já era livre – e nada, nada sabemos dela antes disso.

Luísa também não era cristã. Era um problema? Para as autoridades era. Tinham receio de negros que não fossem cristãos (Santos, 2005, p. 9).

Por meio dessa apresentação, o narrador já indicia algumas questões relevantes sobre a violência da exclusão naquele período histórico, ao mencionar a escravidão e a intolerância religiosa. Esse é o primeiro traço dêitico característico da cenografia antirracista que pretendemos descrever: situar a narrativa em um contexto histórico cujas estruturas de poder não devem ser negligenciadas. Essa direção que assume a narrativa é explicitada no texto:

- (3) Para Luísa, porém, ter outra religião não era problema. Ela achava que todo mundo pode ter a sua. Quanto mais religiões e deuses, melhor. **Quem estava certo nesse ponto? Não sei. Queria apenas contar uma história e já es-**

**tou enredando em discussão** (Santos, 2005, p. 11, grifos nossos).

Embora a discussão não seja desenvolvida pelo narrador, não se pode deixar de acentuar que ela se faz presente na prática literária como uma provocação.

A narrativa sobre a personagem Luísa Mahin continua com duas outras informações: seu relacionamento com o português Oliveira e seu envolvimento na sociedade secreta de negros malês:

- (4) Luísa fazia parte de uma sociedade secreta de negros malês. Eram negros de religiões não cristãs que preparavam uma revolta pela liberdade de todos os escravos da Bahia (Santos, 2005, p. 11).

Do seu relacionamento, nasce um menino batizado de Luís. De seu envolvimento na sociedade secreta de negros malês, decorrem as lutas pelo fim da opressão escravista, as prisões e a separação definitiva do filho, que foi vendido como escravizado, apesar de ser filho de uma mulher livre. Luís, o filho de Luíza Mahin, é Luís Gama, jornalista, advogado e importante abolicionista do século XIX. O primeiro traço dêitico que destacamos na constituição de uma cenografia antirracista nas práticas literárias destinadas ao público infantil, portanto, é o investimento na articulação entre o espaço-tempo ficcional e o espaço-tempo histórico. Essa articulação atua no sentido de dar ampla visibilidade a uma história nacional cujo espaço nas instituições do Estado é invisibilizado de diferentes formas: do silenciamento total à não valorização de sua importância para a formação político-social contemporânea. Somente em 2018, por meio da Lei n. 13.629, Luís Gama passou a ser reconhecido Patrono da Abolição da Escravatura do Brasil. Essa articulação entre o ficcional e o histórico é também traço da cenografia constituída na obra *Amoras*, quando, no diálogo entre pai e filha, são recuperadas personalidades históricas como Muhammad Ali, Martin Luther King e Zumbi dos Palmares, que, assim como Luísa Mahin e Luís Gama, lutaram contra a escravidão e seus efeitos – a discrimi-

nação e a segregação raciais:

- (5) Forte como um lutador no ringue e gentil como Martin Luther King, ela apanha amoras dos galhos e do chão.

Ao vê-la, Zumbi dos Palmares diria:

- Nada foi em vão (Emicida, 2018, p. 13).

São histórias que se assemelham no sentido de resistência ao colonialismo e à colonialidade. Nas cenografias das obras literárias destinadas ao público infantil, a apresentação dessas personalidades históricas evidencia um outro posicionamento em relação à constituição da história nacional e universal, pois o posicionamento antirracista que caracteriza as condições de enunciabilidade dessas obras assenta-se no reconhecimento dos processos de luta contra a opressão e no reconhecimento das pessoas que dedicaram sua vida a essas lutas, que, como afirma o narrador, não foram em vão – “Nada foi em vão”.

A importância desse movimento por meio de dispositivos mais diversos, entre eles as práticas literárias, possibilita a coesão e o fortalecimento de uma comunidade que é sempre ameaçada em sua integridade física e emocional. Para Gomes (2003, p. 79),

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.

Salientamos, ainda, que essa importância se estende para todos os sujeitos partícipes de um contexto social pluriétnico como o contexto brasileiro, do qual a história e a cultura africanas são constituintes. Reconhecer esses nomes é entender o nosso passado e o nosso presente.

Outro traço dêitico comum a essa cenografia resultante de um posicionamento antirracista é sua transversalidade com o posicionamento feminista, ao privilegiar o protagonismo da mulher

negra. A literatura infantil torna-se um importante instrumento para a representatividade das mulheres negras, pois, como Soares e Jorge (2020, p. 29) discorrem, “nos cânones literários, enquanto as mulheres brancas são romantizadas e surgem como heroínas, as mulheres negras são representadas por meio de imagens que remetem ao seu passado escravo, como objetificação sexual e subserviência”.

No conto “O filho de Luísa”, é interessante que a história de luta de Luís Gama esteja vinculada à história de luta de sua mãe pela liberdade do povo negro. O próprio título do texto garante esse protagonismo à mulher negra que gerou o abolicionista Luís Gama e inspirou sua luta. Na obra *Amoras*, também há uma personagem feminina central para a narrativa que, pelo diálogo, vai reconhecendo o valor de sua identidade:

- (6) Em um passeio com a pequena no pomar, explico que as pretinhas são o melhor que há (Emicida, 2018, p. 10).

- (7) Amoras penduradas a brilhar, quanto mais escuras, mais doces.

Pode acreditar (Emicida, 2018, p. 12).

- (8) Então a alegria acende os olhos da menina; que conclusão incrível alcançou a pequenina? (Emicida, 2018, p. 13).

- (9) Me olhou nos olhos muito bem, e disse:

Papai, que bom, porque eu sou pretinha também! (Emicida, 2018, p. 19-20).

Nos excertos de (6) a (9), a personagem reconhece a potência de sua negritude proporcionada pela luta do povo negro que a precedeu, como já expresso no excerto (5), anteriormente. Assim como a luta de Luísa e de Zumbi dos Palmares se desdobrou na luta de Luís, de Muhammad Ali, de Martin Luther King, também se desdobrará naquela e naqueles que estão no mundo agora. O segundo traço dêitico que destacamos na constituição de uma cenografia antirracista nas práticas literárias destinadas ao público infantil, portanto, é o investimento no enfrentamento do espaço-tempo das relações patriarcais, rompendo com o apagamento e o silenciamento de mulheres negras na história da sociedade bra-

sileira. Segundo Carneiro (2019, p. 38), em artigo publicado originalmente em 1985, na intersecção do Movimento Negro e do Movimento Feminista exprime-se “a identidade com a problemática decorrente do racismo e discriminação racial e, ainda, com as questões gerais colocadas pelo sexismo”. Nessa luta por emancipação, a filósofa assim expressa sua posição:

De igual maneira, não cabe ainda a suposição de que uma perspectiva feminista para o movimento de mulheres negras passe pela oposição ou distanciamento do homem negro. A propósito, vale recordar Lélia Gonzalez quando, avaliando a importância da participação da mulher negra nos movimentos negros, enfatiza que “a presença da mulher negra tem sido de fundamental importância, uma vez que, compreendendo que o combate ao racismo é prioritário, ela não se dispersa num tipo de feminismo que afastaria de seu irmão e companheiros” (Carneiro, 2019, p. 44-45).

Para destacar ainda as condições de enunciabilidade do discurso antirracista, apontamos a relevância da ludicidade nos processos de construção de sentidos que reconfiguram a apresentação das personagens negras nas práticas literárias destinadas ao público infantil. Consideramos o lúdico como o funcionamento discursivo que remete aos valores da beleza, da força e da determinação do povo negro metaforizados no texto.

Lima (2005, p. 103) afirma que

Geralmente quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As tristes histórias são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada.

Os títulos das obras selecionadas para a composição deste artigo – *Gosto de África: histórias de lá e daqui* e *Amoras* – são exemplos do que temos entendido como a ludicidade que caracteriza a cenografia de práticas literárias que sustentam um discurso antirracista ao mesmo tempo que se sustentam por ele. *Gosto de África: histórias*

de lá e daqui é um enunciado que marca uma relação entre Brasil e África. A referência ao gosto de um lugar metaforiza a forte presença do continente africano no processo de constituição histórica, política, identitária do Brasil. Em *Amoras*, do mesmo modo, a metáfora se constitui pelo sabor (pelo gosto) que valoriza a beleza, a força e a determinação do povo negro.

Em *Amoras*, também encontramos mais um exemplo dessa ludicidade no enunciado:

(10) E os pensamentos dos pequenos, como surgem?

Com olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem (Emicida, 2018, p. 8).

Reiteramos aqui a conceituação de Feres (2023, p. 16) ao abordar o discurso amoroso na literatura infantil:

É da natureza do discurso amoroso ser invisível, mas sensível. É um discurso que transborda da linguagem e procura presentificar quem é quase sempre invisibilizado; valorizar o que acreditávamos ser ruim simplesmente por ser diferente, “fora do normal”, tratado como sub-humano. Falamos de um amor-ação, amação, decisão por uma ética do cuidado, da responsabilidade, do respeito e do conhecimento.

O terceiro traço dêitico que destacamos na constituição de uma cenografia antirracista nas práticas literárias destinadas ao público infantil, portanto, é o investimento na constituição de um enunciador e de um enunciatário em cuja elaboração da literalidade da obra literária poetizam as referências à negritude.

### Considerações finais

Iniciamos este artigo afirmando que o discurso literário, na perspectiva de Maingueneau (2012, p. 44), não se resume à representação de contextos sociais, mas “produz sua própria presença nesse mundo”. Após o percurso teórico-analítico que procedemos para a escrita do artigo, pretendemos ter demonstrado que os traços dêiticos que singularizam as cenografias de obras literárias aqui destacados produzem sua própria presença nesse mundo à medida que estão vinculados à luta histórica contra a opressão, a discriminação,

a subalternização do povo negro. Realizamos um percurso que nos garantiu abordar a obra literária como prática discursiva, o que requer percebê-la como parte de uma ordem institucional que toma forma por meio das ações de uma comunidade discursiva que a ela se submete e, ao mesmo tempo, a legitima.

Por um lado, nas práticas literárias destinadas ao público infantil, reconhecemos uma comunidade discursiva que se submete e também legitima a ordem institucional no campo literário, filiando-se a posicionamentos distintos que se complementam, antagonizam ou são indiferentes uns aos outros. Por outro lado, dados os objetivos a que nos propusemos, reconhecemos a intersecção dessa comunidade discursiva no campo literário com a comunidade discursiva constituída pelo movimento negro no Brasil, que age em defesa da liberdade e da igualdade de direitos. Por essa razão, os dados que reunimos são abordados também como ações de luta desse amplo movimento que se intersecciona com tantos outros campos artísticos, políticos, educacionais, religiosos etc. A produção de uma literatura infantil alinhada a um posicionamento antirracista é uma ação artística e política que não só representa a luta por liberdade e igualdade: é a própria luta por liberdade e igualdade. É parte do reconhecimento de que a ideologia racista se insere insidiosamente em todos os campos da atividade humana, e somente por meio da intensa luta antirracista nesses mesmos campos é que se criam as condições de combater a violência cotidiana contra negras e negros. Os efeitos das práticas literárias no tecido da vida social são inestimáveis. É possível afirmar que elas atuam para denunciar as violências múltiplas perpetradas em uma sociedade pluriétnica, como o Brasil; atuam também para empoderar aquelas e aqueles que investem nas lutas contra essas violências; atuam, ainda, para transformar sujeitos que possam somar nessas lutas; por fim, atuam para apontar o horizonte desejável que se quer almejar.

Recontar a história política do Brasil pela perspectiva de protagonistas negras e negros e po-

etizar as referências à negritude são formas de produzir uma presença no mundo que se deseja ver transformado. Deus (2020, p. 37) afirma que, para combater o racismo, "há que se pensar em estratégias para a construção de um contradiscurso eficaz, capaz de efetivar esse combate e eliminar as ações discriminatórias". As práticas literárias são práticas discursivas que se integram a essas estratégias quando posicionadas em intersecção com a luta antirracista.

## Referências

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, p. 15-24, 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: LIMA, Aldo de (org.). *O direito à literatura*. Recife: UFPE, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. In: CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019, p. 13-59.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. 3. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COSTA, Ana Maria Ribeiro Moreira da; COSTA; Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira; COENGA, Rosemar Eurico; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. Chico rei e zumbi dos palmares, de Renato Lima: heróis negros na literatura infantil brasileira contemporânea. *Revista Humanidades e Inovação*, Tocantins, v. 7, n. 22, p. 163-176, 2020.

DEUS, Zélia Amador de. *Caminhos trilhados na luta antirracista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

EMICIDA. *Amoras*. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Schwarcz, 2018.

FERES, Beatriz. *Discurso amoroso na literatura infantil*. São Paulo: Contexto, 2023.

FERREIRA, Ligia Fonseca. *Luiz Gama (1830-1882): Etude sur l'avie et l'ouvre d'un noir citoyn, poète et militant de la cause antuesckavagiste au Brésil*. Tese (Doutorado em Estudos Portugueses e Brasileiros) – Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle, Paris, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

GAGLIARDI, Caio. O problema da autoria na teoria literária: apagamentos, retomadas e revisões. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 69, n. 24, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, 2003.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LIMA, Heloísa P. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.

LOPES, Maria do Socorro Morato; PESSOA, Fátima. A relevância dos quadros cênicos em práticas discursivas fronteiriças: relações entre campos discursivos traçadas em gêneros do discurso. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana. *Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 201-214.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha Silva. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Tradução Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMÉZ, Santiago; GROSGOGUEL, Ramon (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 127-159.

MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. 4. ed. Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2005.

SILVA, Luciana Cunha Lauria da; SILVA, Katia Gomes da. O negro na literatura infanto-juvenil brasileira. *Revista Thema*, Pelotas, v. 8, Número Especial, 2011.

SOARES, Cecília Moreira; JORGE, Grácia Lorena da Silva. Mulher negra na literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 27-46, set./dez. 2020.

TORQUATO, Cloris Porto; KONDO, Rosana Hass. Educação decolonial: opa!!! Não, essa escola tem que começar a ser diferente. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 62-86, 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

---

### Andresa Maria Bezerra da Silva

Discente do Curso de Mestrado em Letras, com ênfase em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Bolsista Capes.

---

### Fátima Cristina da Costa Pessoa

Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

---

### Endereço para correspondência

#### ANDRESA MARIA BEZERRA DA SILVA

Avenida Perimetral, n. 21, Bairro Terra Firme, 66077-830 Belém, Pará, Brasil

#### FÁTIMA CRISTINA DA COSTA PESSOA

Conj. Cidade Nova VIII WE 28 n. 332, Bairro Cidade Nova, 67.133-205

Ananindeua, Pará, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*